



Extensio
UFSC

Revista Eletrônica
de Extensão

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINAS ABAYOMI COMO ELEMENTOS DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Jadh Beatriz Silva

Universidade Federal de Santa Catarina
jadh.beatriz@gmail.com

Edmilson Rampazzo Klen

Universidade Federal de Santa Catarina
edmilson.rk@ufsc.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência da realização de oficinas de Abayomi, especialmente, no espaço Sala Verde, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Escola de Educação Básica América Dutra Machado, no bairro Monte Cristo, na cidade de São José/SC, com parceria do projeto de extensão Oficina de Gestão Social e Pública, coordenado pela professora Helena Kuerten Salles. As mesmas foram realizadas no segundo semestre de 2019, planejadas dentro do cronograma de atividades do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes – Comunidades Populares Urbanas da UFSC, com o intuito de não somente remeter ao ensino e valorização da cultura afro-brasileira de forma lúdica e participativa, mas também como ferramenta que possibilita levantar o debate sobre a questão racial, com crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: Oficina de Abayomi. Cultura Afro-brasileira. Questão Racial.

EXPERIENCE REPORT: ABAYOMI WORKSHOPS AS VALUES FOR THE AFRO-BRAZILIAN CULTURE

Abstract

This work aims to report the experience of conducting Abayomi workshops, especially in the Sala Verde space, at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and at the Primary School América Dutra Machado, in the Monte Cristo neighborhood, in the city of São José/SC, in partnership with the Social and Public Management Workshop extension project, coordinated by Professor Helena Kuerten Salles. These workshops were carried out in the second semester of 2019, within the schedule of activities of the Tutorial Education Program (PET) Knowledge Connections - Urban Popular Communities, in order to refer not just to the teaching and appreciation of Afro-Brazilian culture in a playful way and participatory, but also as a tool that makes it possible to raise the debate on the racial issue, with children, youth and adults.

Keywords: Abayomi's Workshop. Afro-Brazilian Culture. Racial Issue.

INFORME DE EXPERIENCIA: TALLERES DE ABAYOMI COMO VALORES PARA LA CULTURA AFROBRASILEÑA

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo informar la experiencia de realizar talleres de Abayomi, especialmente en el espacio de la Sala Verde, en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) y en la Escuela de Educación Básica América Dutra Machado, en el barrio de Monte Cristo, en la ciudad de São José/SC, en asociación con el proyecto de extensión del Taller de Gestión Social y Pública, coordinado por la profesora Helena Kuerten Salles. Se llevaron a cabo en el segundo semestre de 2019, dentro del programa de actividades del Programa de Educación Tutorial (PET) - Comunidades Populares Urbanas, para referirse a la enseñanza y la apreciación de la cultura afrobrasileña de una manera lúdica y participativa, pero también como una herramienta que permite plantear el debate sobre el tema racial, con niños, jóvenes y adultos.

Palabras clave: Taller de Abayomi. Cultura Afrobrasileña. Tema Racial.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Extensio: R. Eletr. de Extensão, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 17, n. 36, p. 167-174, 2020.

INTRODUÇÃO

A boneca Abayomi tem seu surgimento no Brasil, durante a década de 80, num período de efervescência política e redemocratização do país. A promulgação da Nova Constituição Brasileira em 1988 e a Marcha de 100 anos da Abolição da Escravidão, construída e organizada pelo Movimento Negro, era a tônica do contexto político-social da época. A criadora da boneca se chama Waldilena Martins - mais conhecida como Lena Martins - educadora, artesã e integrante do Movimento de Mulheres Negras e coordenadora do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Luís Carlos Prestes, na cidade do Rio de Janeiro:

A criação da boneca teve lugar em Jacarepaguá, entre o Jardim Boiúna e a Cidade de Deus, na cidade do Rio de Janeiro. No primeiro tinha uma oficina de experimentos com muitos retalhos de tecidos, malhas e vários apetrechos. O Projeto Especial de Educação dos CIEPs apresentava o cargo de Coordenador de Animação Cultural, designando seus ocupantes como atores decisivos na articulação do aparelho escolar com a comunidade. (GOMES; et al., 2017, p. 252)

A boneca é feita somente com nós e amarrações, com tecidos de cores e estampas diversas, e indispensavelmente com o tecido de cor preta para construir seu corpo. Também é possível utilizar acessórios como broches, imãs, miçangas e outros elementos para compor a boneca, como bolsas e mini cestos de palha. De forma geral, a boneca não apresenta olhos, boca e nariz, “um gesto movido pelo propósito de favorecer o reconhecimento da identidade das múltiplas etnias africanas. O rosto é excluído da composição, desfeito de modo deliberado e eminentemente político” (GOMES; et al., 2017, p. 254). Sua confecção abre espaço para a criatividade, uma vez que é possível inventar o modo da roupa e incluir diversos adereços. A questão ecológica também perpassava sua confecção, pois na época o debate sobre sustentabilidade estava ganhando força e sendo amplamente discutido, refletindo principalmente na Conferência ECO-92, realizada no Rio de Janeiro, sobre biodiversidade e mudanças climáticas: “temas que iriam culminar na ECO-92, tornaram-se cada vez mais presentes nas discussões sobre desenvolvimento sustentável” (GOMES; et al.; 2017, p. 253). O nome Abayomi, que na língua Yorubá significa “meu presente”, surgiu através de uma integrante do Movimento de Mulheres Negras e amiga de Lena Martins que estava grávida, e na ocasião relatou que se nascesse uma menina seria esse seu nome; mais tarde esse foi o nome que conferiu identidade à boneca, que antes era chamada de “Boneca Negra sem Cola ou Costura” (GOMES; et al.; 2017, p. 254). Há também outra versão bastante conhecida e reproduzida referente ao surgimento da boneca, que remete ao período escravocrata, onde as mães, dentro dos navios negreiros, confeccionavam as Abayomis a partir dos retalhos de suas próprias roupas, no intuito de acalantar seus filhos

naquele momento tão desesperador. Nesse sentido, a boneca passa a ter o significado de resistência e proteção. Segundo Lena Martins, essa história não é verdadeira:

Essa coisa que se fala, de ter surgido em navio negreiro, eu não sei direito como falar sobre isso”, afirmou Lena Martins. “Eu tenho pensado bastante. Eu fico achando que nas nossas narrativas, de negros e descendentes, sempre tem uma interferência. Parece que não temos o direito de ter uma boneca que nos represente, mas que tenha nascido no período de maior efervescência dos movimentos sociais no Rio de Janeiro, no final dos anos 1980. Não sei de onde vem essa história de navio” (informação verbal).¹

No entanto, um ponto comum entre essas duas versões é de que a Abayomi se tornou um elemento que corrobora a valorização da cultura afro-brasileira, sendo um instrumento didático para promover representatividade e debater sobre a discriminação racial com todos os públicos, sejam crianças, jovens ou adultos.

Sendo assim, as oficinas de Abayomi realizadas tiveram como objetivo promover a representação, valorização e discussão da cultura afro-brasileira como um todo, de forma lúdica, criativa e participativa, favorecendo a troca de saberes entre todos os participantes.

MATERIAIS E MÉTODOS

A primeira oficina foi realizada no dia 20/09/2019 com parceria da Sala Verde, um espaço voltado para a educação ambiental, localizado dentro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); seu espaço foi utilizado para a realização da oficina, onde foram abertas 12 vagas a quem pudesse interessar, seja para a comunidade acadêmica ou externa, com classificação de idade a partir dos 06 anos; nesta ocasião a oficina contou com 11 presentes, sendo todas do sexo feminino, de crianças a adultos.

Ilustração 1 - Oficina de Abayomi realizada na Sala Verde/UFSC



¹ Entrevista concedida por MARTINS, Waldilena. Entrevistador: Henri Chevalier. Brasil, 2019. Entrevista concedida ao site Conexão Lusófona.

A segunda oficina foi realizada no dia 12/10/2019 na Escola de Educação Básica América Dutra Machado, localizada no bairro Monte Cristo, na cidade de São José/SC, com parceria e articulação de Helena Kuerten de Salles, responsável pela Oficina de Gestão Social e Pública, um projeto de extensão criado na UFSC e executado no bairro Monte Cristo, que tem como objetivo resolver problemas reais de organizações sociais e/ou projetos sociais com pesquisadores e alunos graduandos da UFSC, além de professores e servidores técnico-administrativos em educação; difundir práticas da gestão pública e social, e integrar universidade com organizações sociais e públicas. Nesta ocasião a atividade foi realizada para alunos da 4ª terceira série, com aproximadamente 19 pessoas, em sua maioria crianças de 09 a 10 anos de idade.

As referidas atividades tiveram duração de aproximadamente 2 horas e foram ministradas pelas petianas bolsistas Jadh Beatriz Silva e Raquel Michel, que começaram as atividades nesses dois momentos com uma roda de apresentação de todos os presentes, e logo após abordando a origem e significado político e cultural da Abayomi. Os materiais necessários para a confecção da Abayomi foram basicamente barbante, retalhos de diversas cores e estampas, como também muitos tecidos na cor preta para confeccionar o corpo da boneca, e tesouras para delimitar o tamanho da mesma e das vestes. Durante todo o processo as ministrantes auxiliaram a confecção, mostrando por onde começar, mas também dando espaço à criatividade de cada um para selecionar os retalhos a serem utilizados para a roupa, adição de acessórios e confecção da boneca na versão masculina ou bebê. Em ambas as oficinas foi observado que cada pessoa confeccionava mais de uma Abayomi, podendo levá-las consigo ao final da atividade.

Ilustração 2 – Processo de confecção da Abayomi na oficina realizada na Sala Verde/UFSC



RESULTADOS E ANÁLISES

Durante a realização das oficinas obteve-se a oportunidade de estabelecer uma troca de saberes fluida, pois apesar do papel das ministrantes de ensinar como fazer o espaço foi criado de forma com que todos tivessem autonomia para exercer sua criatividade. Além disso, com a atividade foi possível abordar a dimensão da questão racial de forma simples e mais subjetiva, no que toca o campo da representatividade - aspecto este que as escolas e demais espaços educativos geralmente mostram dificuldades em incluir e apresentar referências positivas oriundos da população negra. É frequente a história da população negra ser abordada, principalmente, dentro do contexto da escravidão, não raramente trazendo uma ideia de submissão e inferioridade do negro. De fato, essa realidade vem se transformando ao longo do tempo, principalmente com a criação da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido:

Essa transformação, sem dúvida, não se dá por honra e glória da educação escolar. Se pesquisarmos mais a fundo, encontraremos a ação da comunidade negra organizada em movimentos sociais, dos grupos culturais negros, das comunidades-terreiro como partes importantes no processo de denúncia contra o racismo e de afirmação da identidade negra. Encontraremos também famílias negras que, atentas aos dilemas de seus filhos e filhas, enfatizam de forma positiva e de diversas maneiras a herança cultural negra. Esses grupos e essas famílias sempre pressionaram a escola e sempre cobraram desta instituição uma responsabilidade social e pedagógica diante da questão racial. (GOMES, 2003, p.175)

A escola, para além de ser um espaço de troca e aquisição de conhecimento, possui o potencial de transmitir valores e crenças, além de auxiliar na construção da identidade dos sujeitos. A fim de construí-la de forma saudável, é essencial que se apresente referências positivas, que contemplem a diversidade:

A falta de representatividade pode ocasionar diversos problemas na formação de identidade, principalmente na infância. Não ver-se representado na televisão, nos livros, revistas, *outdoors*, etc. pode trazer à criança negra um pensamento de inferioridade. Ildete Batista, professora de educação infantil no Distrito Federal, afirma, através de entrevista para o site Agência Brasil (2015), que faltam referências para as crianças. Segundo ela: “O que fica como belo é o que se aparece na TV, nos livros — inclusive nos materiais didáticos. A gente vê muitas propagandas, livros de histórias infantis em que os personagens são brancos.”²

Logo, através da atividade foi possível provocar um processo de valorização da história e da cultura afro-brasileira, bem como produzir representatividade negra de forma positiva. Ao confeccionar as bonecas e contar sua origem, foi perceptivo o engajamento das crianças e adultos, principalmente negros, que demonstraram orgulho e desejo de confeccionar diversas

² FARIAS, Jordão. Representatividade negra como meio de auto afirmação: usos e sentidos. 2018.

Abayomis para dar de presente para entes de sua família e amigos, conforme alguns participantes das oficinas relataram. Como forma de conhecer a satisfação dos participantes, questionamos em tom de conversa, ao final da atividade, como se sentiram durante o processo, se gostaram, e se presenteariam alguém com a boneca. Com o foco principal da atividade voltado justamente para a confecção das Abayomis, essa avaliação acabou sendo realizada de forma mais informal. Uma das falas que surgiu nesse momento e que chamou mais a atenção foi a de uma menina de 10 anos: “*Adorei... fiz uma boneca parecida comigo e outra parecida com a minha melhor amiga, vou dar pra ela*”. Mesmo que de forma simples, nesse momento foi possível observar que ela reconheceu a si e sua amiga através da Abayomi.

Por fim, é possível afirmar que a atividade contribui também de forma prática para a autoestima de quem dela participa, além de ser possível, através da mesma, de abordar temas entorno da questão racial e representatividade de maneira leve e lúdica. Como ponto a ser melhorado, destaca-se a necessidade de divulgar e socializar a informação do verdadeiro surgimento da Abayomi, através das mãos de Lena Martins. Sua real origem é difícil de ser encontrada nas mídias e sites que falam sobre a boneca, sendo majoritariamente veiculado de que seu surgimento ocorre no contexto da escravidão, dentro dos navios negreiros.

Para além dos resultados adquiridos com as atividades, foi de extrema importância estabelecer vínculos e contatos com outras pessoas e entidades, a fim de viabilizar de forma eficaz a realização das oficinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas realizadas tiveram como objetivo principal o ensino, a promoção e a representatividade da valorização da cultura afro-brasileira de forma lúdica, criativa e participativa, através da confecção das bonecas Abayomi. Através deste elemento foi também possível levantar a discussão sobre as nuances da questão racial de forma acessível a partir da abordagem sobre seu significado político e cultural, e também de forma subjetiva, no que se refere ao campo da representatividade. A Abayomi é uma boneca nascida no bojo do contexto político brasileiro em efervescência, criada por Waldilena Martins, mulher negra e artesã, militante do Movimento de Mulheres Negras na cidade do Rio de Janeiro; sua criação é amplamente conhecida no território nacional, mesmo que a autoria não lhe seja devidamente atribuída. Através das oficinas e das pesquisas realizadas, pode-se pautar uma melhor e mais ampla divulgação do seu verdadeiro surgimento e de seu contexto histórico. Por fim, foi notável o impacto positivo que a oficina proporcionou a todos que dela participaram, mas principalmente

às crianças negras, que, por externarem reações positivas, demonstraram-se orgulhosas e engajadas ao se apropriarem de um elemento que faz parte de sua cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas envolvidas nesse processo, que contribuíram de alguma maneira e viabilizaram de forma concreta a realização das oficinas, principalmente: à ex-petiana e colega Raquel Michel, que ministrou as oficinas juntamente comigo, pela parceria, carinho e generosidade; à Marlene Alano Coelho Aguilar, bióloga e coordenadora do espaço da Sala Verde na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que abriu as portas deste para receber a oficina de Abayomi em sua primeira edição com tanta boa vontade e empenho; à professora Helena Kuerten de Salles do Departamento de Ciências Contábeis da UFSC, pela disponibilidade e parceria, e que se interessou pela atividade e a levou prontamente à comunidade do Monte Cristo através do seu projeto de extensão Oficina de Gestão Social e Pública; à Jaqueline Queiros também pela parceria, prontidão e auxílio na ministração da oficina de Abayomi na Escola de Educação Básica América Dutra Machado, na comunidade do Monte Cristo; e também ao Programa de Educação Tutorial, espaço onde as oficinas foram planejadas, permitindo que a atividade acontecesse.

REFERÊNCIAS

GOMES, Edlaine de Campos.; BIZZARIA, Júlio.; COLLET, Célia.; SALES, Marcos Vinícius. A boneca Abayomi: entre retalhos, saberes e memórias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/75745/43150>. Acesso em 16 jan. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acesso em 28 jul. 2020.

FARIAS, Jordão. Representatividade negra como meio de auto afirmação: usos e sentidos. Medium. Brasil, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@fariasjordao/a-falta-de-representatividade-negra-usos-sentidos-e-efeitos-na-sociedade-brasileira-16f89770927b#sdfootnote1sym>. Acesso em 28 jul. 2020.

MARTINS, Waldilena. Bonecas Abayomi: Por que a origem romantizada dura mais? [Entrevista concedida a] Henri Chevalier. Conexão Lusófona. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.conexaolusofona.org/bonecas-abayomi-por-que-a-origem-romantizada-dura-mais/>. Acesso em 11 jan. 2020.

Recebido em: 03/03/2020

Aceito em: 10/08/2020